

# VÁRIA

## QUEIRIZ — FORNOS DE ALGODRES

POR F. RUSSELL CORTEZ

Por informação do Dr. Tavares Ferreira soube da existência duma lápide romana abandonada junto dum caminho da povoação de Queiriz, do Concelho de Fornos de Algodres.

Lá a fui encontrar junto da capela de Santa Apolónia.

A ara lavrada no granito local afecta a forma dum tronco de pirâmide quadrangular, emoldurada superior e inferiormente, com o *focus* na base superior.

As dimensões deste monumento, inédito, são as que seguem:

Altura — 0,78 metros; largura superior — 0,35; largura inferior — 0,37.

O campo da inscrição tem de comprimento 0,53 e as larguras de 0,26 e 0,31 metros. As letras têm dimensões variáveis entre 4 e 7 centímetros.

O texto distribui-se por sete regras, sendo as letras, como se disse, muito desiguais na altura e algumas não se lêem sem dificuldade.

Nas três primeiras linhas lemos, sem custo, o *prae* e o *nomen* do dedicante QVATIVS APIANIS (com um breve no AN), onde podemos pressupor um *genitivus peregrinae formatus* como aquele que Hübner encontrou na inscrição de Viseu, registada no suplemento de *Corpus* (1).

No entanto, parece-me antes que *Apianis* seja um nominativo regular e semelhante ao *Viriatis* das lápides de Cárquere (2) e portanto o *gentilicium* seria *Apianis-is* e não *Apianus-i*, nome que em Português daria *Apiane* e não *Apiano*.

Esta forma nominal *Apianis* não consta dos volumes do *Corpus* de Hübner; só encontrei as formas aproximadas de *Apion* (2699) e *Apina* (5315 e 772). *Ovatus* também não aparece.

Na quarta e quinta linha deve estar o nome da divindade. Na quarta regra, a primeira e a penúltima letra affectam a forma dum *g* invertido e quer-me parecer que foi gravada uma letra minúscula por uma maiúscula. Tal facto não é totalmente desconhecido na nossa epígrafe. Temos exemplo disso no marco viário, de Hadriano, de S. Vitero, localidade fronteira da província de Zamora e por onde seguia a via romana, de Augustus, que passava em Castro de Avelãs e Babe (3).

(1) c. I. L. II, n.º 5246: *Lobesae Viriatis, Annorum XXX*.

(2) Eugénio Jalhay, *Lápides romanas da região de Cárquere*, Brotéria, vol. III, pág. 19 da sep. Lisboa, 1951.

(3) P.e Francisco Manuel Alves, *Arch. Port.* XX, 74; *Mem. Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, IX, 210; Gomes Moreno, *Catálogo Monumental de Zamora*, I, 57.

Comparando esta letra com as do abcdário cursivo de Pompeia (1), concluí tratar-se de um d minúsculo e assim pode ler-se DANDITATI-DEARGVI, nome de divindade pré-romana desconhecida, porém com paralelos noutros nomes de divindades locais, da região de entre o Tejo e o Douro.

Na sexta e sétima regras leio: VOCTO TOLIT (ussv) Transcrição: *Ovatus Apianis Danditatidea qui vocto tolit jussu.*

Pela forma das suas letras, de pormenores bastante arcaizantes, poderíamos supor ser esta epígrafe do Séc. I J. C., empregando-se caracteres cursivos e actuários na gravura deste texto votivo.

Esta divindade de carácter desconhecido pode ser associada ao grupo constituído pelas denominadas *Bandeutoiraeco* (Vila da Feira); *Bandoge* (Cast. do Mau Visinho, Sul); *Bandioilianaico* (Castendo); *Bandiarbariaico* (Capinha), encontradas entre o Tejo e o Douro. Ao norte do Douro encontramos um outro grupo formado pelas invocações: *Bandva* (Cova da Lua — Bragança); *Bandva* (verin); *Banderaecvs* (Ribeira de Pena); além doutros idênticos recolhidos na Estremadura Espanhola (2).

Quanto à desinência de *Danditadesigni* ou *Danditideargui*, compare-se com a da divindade dos Igaeditani (Idanha): *Revelanganidaei*.

Como tem dado resultados dignos de consideração a interpretação dos nomes destas divindades, pelo confronto do contexto das várias invocações com vocábulos pertencentes à língua basca, sem ser paleolinguista e não possuindo a necessária e adequada bibliografia ao alcance, para melhor comprovar a minha asserção não deixo fugir a tentação de referir a idêntica terminação «gui» e «argui» destas duas invocações e de muitas palavras bascas, como por exemplo os nomes da lua: «ilargui», «illargui», «arguizagui», etc., em que «argui» exprime a ideia de luz. Se tal interpretação pudesse ser defendida, a invocação da lápide de Queiriz estaria ligada ao culto lunar, talvez que à festa do plenilúnio existente nesta região do centro de Portugal.

Acerca da origem do culto lunar, Caro Baroja encontrou uma série surpreendente de coincidências entre estas concepções reflectidas na língua basca e outras reflectidas nas línguas indogermânicas ou indoeuropeias. Dado conhecermos melhor as remotas culturas de língua indogermânica, parece-me igualmente, sem cabimento, pensar-se na necessidade dos restos tribais dos agricultores matriarcais, existentes nesta região da Beira Alta, adoptarem-se o culto da lua dos imigrantes indogermanos. É uma atitude hierológica, por certo, anterior à chegada dos celtas.

(1) Pedro Batlle Huguet, *Epigrafia Latina*, 9 Barcelona 1946.

(2) vid. Tovar-Navascués, op. cit. pág. 181.